

Reunião do *Federal Open Market Committee* (FOMC) sinaliza postura de cautela, decidindo aguardar para a retomada do ciclo de alta da taxa de juros americana, seguida pela divulgação dos dados positivos do mercado de trabalho americano. A guerra comercial segue indefinida, mas com expectativa de acordo. Na China os dados fracos da indústria preocupam os mercados globais. No Brasil, produção industrial segue em crescimento com a melhora do panorama econômico e aumento dos níveis de confiança. Definições das presidências e mesas do Senado e da Câmara apontam para um congresso reformista.

## **CENÁRIO EXTERNO**

Nos EUA, o FOMC, entidade responsável pela definição da política monetária americana, seguiu com a posição de manutenção da taxa de juros. O presidente do Banco Central norte-americano – *Federal Reserve* (FED) –, Jerome Powell, em declaração, sinalizou que a postura da entidade seguirá “paciente”, reforçando que o atual cenário econômico requer atenção e espera por uma maior clareza dos indicadores econômicos, tendo como margem a atenuação das pressões inflacionárias.

Após as declarações, o mercado concluiu que não existe espaço para mais moderação e os juros devem permanecer estáveis. Com isso, as bolsas de NY acentuaram os ganhos, os rendimentos dos títulos do Tesouro americano (*treasuries*) caíram e o dólar perdeu força.

Os dados divulgados de mercado de trabalho e emprego (*payroll*), mostraram um forte aquecimento, registrando a criação de 304 mil postos de trabalho no mês de janeiro, ficando acima da leitura do mês de dezembro, de 222 mil postos, e superando em muito as expectativas do mercado, que previa a abertura de 165 mil vagas. Em contrapartida, o valor médio da remuneração do trabalhador americano apresentou um crescimento mais moderado em relação ao mês anterior, ficando abaixo das expectativas do mercado.

A economia americana mostra sinais de robustez, mas sem pressões inflacionárias. O preço do petróleo mais baixo, recuo dos desequilíbrios financeiros e baixo aumento da remuneração dos trabalhadores americanos, corroboram a posição de “paciência” do FED, mas coloca-se em questão até quando o FED manterá a pausa no ciclo de alta de juros.

Sobre as tensões comerciais, o presidente americano Donald Trump sinalizou progressos nas negociações com as autoridades chinesas, mas que um acordo definitivo só será firmado depois do próximo encontro com o líder chinês, Xi Jinping.

Na China, o PMI (índice de atividade dos gerentes de compras) industrial cresceu, marcando 49,5 pontos e ficando um pouco acima da leitura de 49,4 em dezembro. A marca para o mês superou as projeções do mercado, mas permanecendo próxima das mínimas em três anos e abaixo de 50 pontos, indicando que o setor passa por um quadro de contração da economia chinesa.

O gradual enfraquecimento da indústria chinesa, gera um nervosismo no mercado, prevendo um maior risco a economia global, dada a importância da economia chinesa para seus parceiros comerciais.

## **BRASIL**

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), que indica uma prévia do indicador oficial de inflação (IPCA), ficou em 0,30% em janeiro, abaixo da leitura de janeiro de 2018 que chegou a 0,39%, registrando assim, a menor taxa para o mês de janeiro desde a criação do Plano Real. O grupo de combustíveis foi o principal responsável pela redução da taxa, atingindo uma queda de 2,4%. Caso o resultado do indicador oficial siga a prévia, acumulará em 12 meses uma taxa de 3,85%, ficando abaixo da meta de inflação estipulada em 4,50%.

O IGP-M de janeiro subiu 0,01%, taxa superior a dezembro, quando variou negativamente 1,08%. Com o resultado, o índice acumula alta de 6,74% em 12 meses. A principal contribuição para o resultado do índice foi do subgrupo combustíveis para o consumo, cuja taxa passou de -8,83% para -2,66% no período.

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF), a produção industrial cresceu pelo segundo ano consecutivo. Apesar de perder o ritmo nos últimos meses de 2018, com uma queda de -1,1% no fechamento do quarto trimestre, o balanço final da indústria foi positivo, encerrando 2018 com crescimento de 1,1%, mas abaixo dos 2,5% apresentados em 2017.

Entre as atividades, a de maior influência positiva no índice se deu por veículos automotores, reboques e carrocerias, com crescimento de 12,6%. Dentre as atividades que registraram enfraquecimento, a de maior representatividade foi a de produtos alimentícios, acumulando uma

queda de -5,1%, bastante influenciada pela diminuição da produção de açúcar em prol do etanol nas usinas.

Em relação aos indicadores financeiros de renda fixa, as curvas de juros para o mês de janeiro apresentaram quedas em comparação com dezembro de 2018. O CDI rendeu 0,54% no mês, acumulando 6,38% em 12 meses. A taxa Selic rendeu 0,54% no mês, acumulando 6,39% em 12 meses. Por sua vez, a poupança rendeu 0,37% no mês, com acumulado de 4,59% em 12 meses.

O Ibovespa terminou o mês com uma valorização de 10,82%, atingindo os 97.394 pontos, trazendo resultados positivos para os fundos de ações.

O dólar comercial fechou o mês em desvalorização de 5,75% cotado a R\$ 3,65, mas ainda acumula alta de 15,05% em 12 meses. Por sua vez, o euro também fechou o período em queda de 5,55%, negociado a R\$ 4,19.

De forma geral, começa-se a perceber sinais de melhora do panorama econômico nacional. Os últimos quatro meses foram de valorização dos ativos brasileiros, acentuada nas últimas semanas, com destaque para o mercado de ações. Melhora também evidenciada pelo câmbio que sofreu forte desvalorização entre abril e setembro de 2018, atingindo R\$ 4,20/US\$, e se valorizou para a faixa de R\$ 3,75/US\$. Outro indicador importante que apresentou melhora foi o risco país, que passou dos 300 pontos em setembro, passando para o patamar de 180 pontos em janeiro deste ano.

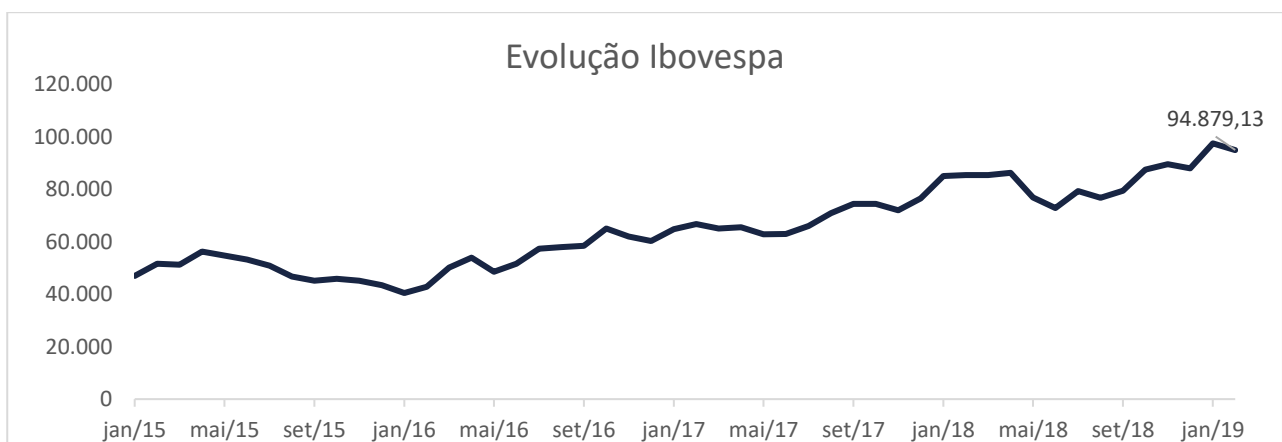
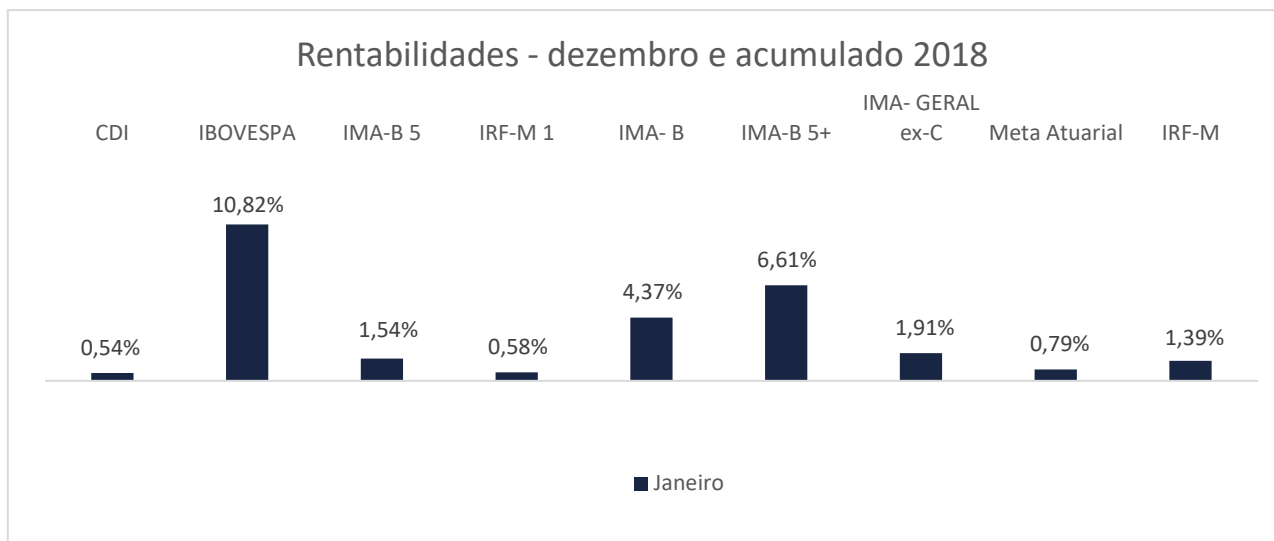
A melhora do cenário e o alinhamento da política monetária com o mercado têm gerado um aumento da confiança e das expectativas de todos os setores da economia. O índice de confiança dos consumidores e dos empresários que atingiu em janeiro de 2015 a marca de -17,5% e -13,01%, respectivamente, mostra melhoras consideráveis atingindo as marcas de 8,7% e 4,7%, respectivamente.

No cenário político, as eleições de Davi Alcolumbre para a presidência do Senado e de Rodrigo Maia para a Câmara, devem acelerar as votações de pautas essenciais ao governo Bolsonaro, especialmente a Reforma da Previdência, que é muito aguardada pelo mercado.

Com a agravante deterioração das finanças públicas e conseqüentemente dos serviços públicos, os governadores dos estados começam a declarar apoio à Reforma da Previdência que, após aprovação, deverá abrir espaço para a também necessária Reforma Fiscal.

O governo sinalizou que irá apresentar o projeto de Reforma da Previdência até o fim do mês de fevereiro e que, por determinação do presidente, todos os segmentos irão entrar no processo de ajuste, incluindo os militares.

Seguimos otimistas com o desempenho dos mercados para os próximos meses, especialmente com o mercado de ações que tende a apresentar bons resultados em caso de aprovação das Reformas e melhora do ambiente econômico doméstico.



<b>BRASIL</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>
PIB (% de crescimento real)	-	2,50	2,50
IPCA	3,75	3,94	4,00
IGP-M	0,01	3,92	4,00
Taxa de Câmbio final (R\$/US\$)	3,65	3,70	3,75
Taxa Selic (final do ano)	6,50	6,50	8,00
Taxa de Juros Real (deflacionado IPCA)	2,65	2,46	2,40

Projeções: Relatório Focus (BCB)